

Natureza e Cultura na Conquista da América: os jesuítas e os *descobrimientos* do Amazonas.
Leandro Francisco Cavalcante*

Resumo

O presente trabalho pretende verificar a relação entre a produção de conhecimento sobre a natureza e o processo de conquista da região do Amazonas durante os séculos XVII e XVIII. Pretende-se observar como este conhecimento era feito de maneira sistemática e obedecia a determinados padrões. Visto que o recorte espacial é a região amazônica, tem-se como objeto de análise as obras dos padres jesuítas João Felipe Bettendorf, “Missão dos padres da Companhia de Jesus no Maranhão” e João Daniel, “Tesouro Descoberto no máximo do Rio Amazonas”. Tal análise tem como foco apresentar o esforço dos colonizadores, mais especificamente, os missionários jesuítas, na produção e sistematização do conhecimento sobre a natureza.

Palavras chave: história natural, jesuítas, região amazônica.

Abstract

This work is about the relation between the knowledge about nature and the process of colonization, specially the conquest of the region of Amazonas river during the 17th and 18th centuries. We will focus on how this knowledge was done in some patterns. As we study the Amazonia region, we'll work with the books written by João Felipe Bettendorf, “Missão dos padres da Companhia de Jesus no Maranhão” e João Daniel, “Tesouro Descoberto no máximo do Rio Amazonas”.

Key words: Amazonas region, natural history, jesuits.

Este trabalho é parte de pesquisa maior sobre a atuação dos jesuítas na produção de conhecimento sobre o mundo natural, bem como na circulação e divulgação deste conhecimento no âmbito do continente americano. Considerar a produção de conhecimento sobre a natureza americana realizada *in loco* apenas como uma etapa de coleta de dados leva-nos a privilegiar, sobretudo, o processo de inserção do material recolhido na América na cultura científica européia. Valorizaremos como este conhecimento era compartilhado pelos missionários que atuavam na conquista do Novo Mundo.

* Graduando de História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, bolsista de Iniciação Científica PIBIC - Mast (Museu de Astronomia e Ciências Afins). Orientado pela profa. dra. Heloisa Meireles Gesteira no projeto *A conquista do mundo natural e a colonização da América entre os séculos XVI e XVIII*.

O objeto de nosso estudo são os livros escritos por dois missionários jesuítas que atuaram na região do rio Amazonas. O primeiro é a obra do padre João Felipe Bettendorf, *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Maranhão*, que se trata de uma narrativa histórica dos principais feitos e acontecimentos relacionados às missões jesuíticas na região. Bettendorf começou a escrevê-la em 1699, por ordens superiores, mas não chegou a concluí-la, pois morreu antes de seu término. A narrativa está dividida em dez “Livros”, tendo início com o livro intitulado de “Da origem do nome, descobrimento, Estado e Capitanias do Maranhão”. Do livro dois em diante relata a história do Estado do Maranhão desde sua fundação.

A outra obra, o *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*, de João Daniel, é uma descrição detalhada que tem como temas centrais a natureza, os índios e a cultura da região amazônica. João Daniel escreveu entre 1757 e 1776, período que esteve preso, após a expulsão dos jesuítas de Portugal e seus domínios por ordem do Marquês de Pombal. Dividida em seis partes, a primeira aborda a “notícia geográfico-histórica da Amazônia”; a segunda, trata da “notícia geral dos índios seus naturais e de algumas nações em particular”; a terceira da “notícia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos haveres, e na muita fertilidade das suas margens”; a quarta discorre acerca do “tesouro descoberto do rio Amazonas”; a quinta e a sexta indicam os “meios e métodos de poder melhor e com brevidade povoar e desfrutar o Amazonas”.

Tais narrativas nos oferecem uma descrição do mundo natural. Olhando as estruturas reconhecemos o modelo da história natural ordenando tais relatos. Segundo Horácio Capel, a presença de informações sobre a natureza era comum nas crônicas e narrativas históricas desde a antiguidade. Entretanto, o descobrimento de novas áreas e a conquista da América provocaram um alargamento do espaço dedicado a descrições da natureza nestes relatos. Dois foram os referenciais para este movimento: a herança da medicina hipocrática e a história natural tal qual praticada antes das transformações introduzidas por Carl von Lineu. Conhecer um lugar confundia-se em primeiro lugar com sua delimitação no espaço, em seguida informações sobre o clima e as características geográficas acompanhadas de descrição da flora e da fauna.

Os trabalhos iniciam relatando o processo de descoberta do rio Amazonas. Descrevem-se as primeiras tentativas de exploração. Vale destacar que no texto de João Daniel o recorte é a descoberta do rio Amazonas, enquanto o de Bettendorf se dedica a história da conquista do Maranhão. O fato desses religiosos terem conhecimento acerca da história dos acontecimentos bem anteriores leva-nos a inferir que havia circulação de informações no interior da colônia

americana. o que permitia um controle por parte dos missionários de um manancial de notícias sobre a região, entre as fontes citadas por estão as narrativas de religiosos como as dos padres João da Silva Domingos Barboza, Manoel Rodrigues, José da Costa, Cláudio de Abbeville.

Uma das temáticas que se repete é a origem dos nomes que são dados tanto ao rio Amazonas, como a Ilha do Maranhão, o que auxilia na localização. No caso do Maranhão, sua nomenclatura, segundo Bettendorf viria dos nativos. João Daniel remete a origem do nome a Orellana, que teria encontrado em sua expedição apenas “maranhas”; querendo dizer que só tinha mato, lagos, pântanos e labirintos.

O segundo ponto é a localização precisa de cada lugar descrito. Localizar uma região é uma constante ao descrever um determinado lugar, aldeia ou entrada de rio. Isso é feito pela determinação da latitude como e pela informação da distância em léguas da última região descrita. Isso demonstra o quanto esses homens têm como herança o conhecimento objetivo-pragmático das grandes navegações marítimas, conhecimento esse, que foi fruto da necessidade de superar desafios e limitações que havia na navegação. Porém, diferentemente dos descobrimentos decorrentes das grandes navegações, a conquista da terra contava com a participação de homens diretamente envolvidos com a ocupação da América. No caso da experiência do Estado do Maranhão, destacaremos neste trabalho a ação dos missionários jesuítas. Neste sentido, o caminho para o descobrimento deixa de ser os mares e passam a ser os rios. As informações acerca dos principais rios, destacando condições de navegação, profundidade, largura, intensidade de correntezas e o seu o curso, são essenciais para se locomover na região.

Após a localização, os autores descrevem os ares, o clima e a temperatura. O que é digno de admiração, portanto deve ser registrado, é a temperatura amena da região Amazônica. João Daniel argumenta que os autores clássicos consideravam a região uma zona naturalmente inabitável, devido ao forte calor, conforme a tradição que remonta a Antiguidade. O contato com as novas terras colocou em cheque esta percepção. Ao citar essas informações, ele classifica o clima como temperado, e justifica isto devido aos rios, que enfraquecia o efeito direto do sol.

O ponto que mais chama a atenção é a descrição da fauna, a qual os cronistas separam em temáticas como ou aquáticos, anfíbios, animais terrestres, insetos e cobras. A forma descritiva das espécies também aproxima os relatos aqui analisados aos textos de história natural. Principalmente o recurso apontar as semelhanças entre os seres para elaboração de suas

respectivas descrições. Ao apontar as características de um animal, compara-se com a de outro, o que pode ser verificado, por exemplo, quando João Daniel descreve o ovo do jacaré: “são da mesma cor, e feitio dos ovos de galinha, exceto terem a casca muito dura”. (Daniel, 2004; 123)

É também pelo caráter de centralidade dada ao homem por ser a principal criatura na Terra, o critério de utilidade dos seres pelo aproveitamento que os homens podem fazer dos mesmos. Isso perpassa a obra dos padres Bettendorf e João Daniel. Como pode ser identificado quando João Daniel descreve a árvore da ambaíba e seu efeito de restaurar fraturas:

“Tem contudo esta árvore algumas virtudes medicinais, especialmente na sua raiz, cuja árvore é fresquinha e no seu olho, em que tem nós como a cana, e no último tem uma gosma, que é ótima solda para braços, pernas e ossos quebrados.” (Daniel, 2004; 435)

Nesta apresentação buscamos demonstrar como a história natural oferece um padrão para a observação e sistematização do conhecimento sobre a natureza produzido pelos missionários da Companhia de Jesus. Além disso, apontar para a troca destas informações entre os missionários que era favorecida pela ação da própria Companhia.

Bibliografia

BETTENDORF, João Felipe. 1625 – 1698. “Crônica da missão dos padres da companhia de Jesus no estado do Maranhão”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. T.72, v.119. Rio de Janeiro, 1909.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “Problemas da história da ciência na época colonial: “A colônia segundo Caio Prado Jr”. In: ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. (org.). *Ciência em perspectiva. Estudos, ensaios e debates*. Coleção História da Ciência - Série Estudos da Ciência. Rio de Janeiro: MAST:SBHC, 2003.

DANIEL, João, (1722-1776). *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

FOUCAULT, Michel. “Classificar”. In: *As Palavras e as Coisas*. Uma arqueologia das coisas humanas. 4 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SAEZ, Horácio Capel. *O nascimento da ciência moderna e a América. O papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território*. (org. e trad. Jorge Ulises Guerra Villalobos). Maringá: UEM, 1999.